

O antiimperialismo revolucionário de José Carlos Mariátegui

Leandro de Oliveira Galastri*

RESUMO

O trabalho a seguir procura apresentar, de forma inicial, a reflexão empreendida por José Carlos Mariátegui acerca do imperialismo no Peru e América Latina no início do século XX. Baseado na análise da consolidação do capitalismo em seu país no período pós-independência, o marxista peruano inspira-se em Lênin ao defender uma luta antiimperialista que seja rigorosa no combate ao reformismo e às alianças com frações nacionais burguesas. Intenta-se sugerir, ainda, a centralidade da contribuição de Mariátegui para desenvolvimento do pensamento revolucionário contemporâneo na América Latina.

PALAVRAS-CHAVE: MARIÁTEGUI, IMPERIALISMO, MARXISMO, PERU.

ABSTRACT

The following work intends to present, in a beginning shape, the reflection undertaken by José Carlos Mariátegui about the imperialism in Peru and Latin America in the early 20th century. Based on the analysis of the capitalism consolidation in his country during the post-independence period, the Peruvian marxist takes his inspiration from Lenin and defends an anti-imperialist struggle that must be harsh against

* Doutorando do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp.

the reformism and the alliances with any part of national bourgeoisie. We expect to suggest, further, the centrality of Mariátegui's contribution to the development of the contemporary revolutionary thought in the Latin America.

KEYWORDS: MARIÁTEGUI, IMPERIALISM, MARXISM, PERU.

INTRODUÇÃO

Este texto procura desenvolver uma discussão inicial a respeito da análise feita pelo marxista peruano José Carlos Mariátegui acerca do imperialismo tal como este se apresenta na América Latina de então, ou seja, primeiras décadas do século XX.¹ Parte-se da hipótese de que tais apontamentos do autor peruano revestem-se de pujante atualidade e merecem ser abordados, portanto, não apenas por seu valor histórico, mas também pela rica contribuição que ainda hoje prestam àqueles que pretendem enfrentar o imperialismo da única maneira eficaz em que isso pode ser feito, ou seja, considerando tal fenômeno em sua natureza indissociável do contexto mais amplo da luta de classes.

IMPERIALISMO E ANTIIMPERIALISMO NA AMÉRICA LATINA

Em sua construção teórica, Mariátegui aborda a questão do imperialismo a partir da crítica às posturas aliancistas. À luta nacionalista contra o imperialismo, ele opõe a luta do proletariado contra o mesmo. O marxista peruano parte do pressuposto de que se trata de um grande erro contar com um eventual sentimento revolucionário nas burguesias nacionais das repúblicas latino-americanas. Tal sentimento, que teria

1 Miglioli (2005: 158) caracteriza sinteticamente o imperialismo da seguinte forma: "No imperialismo os sujeitos da exploração continuam sendo os países (capitalistas) mais avançados (ou potências capitalistas, para abreviar) enquanto os objetos da exploração mudaram: em geral, não mais são colônias mas países "livres" capitalistas ou semicapitalistas com diferentes graus de subdesenvolvimento (países periféricos, para simplificar). Embora a dominação militar ainda funcione (inclusive, às vezes, com ocupação de território), ela é mais discreta e disfarçada, e recorre-se mais freqüentemente à pressão política e econômica. E o imperialismo conserva alguns traços do colonialismo no uso do comércio internacional como processo explorativo. Por fim, mas sem esgotar o assunto, os sujeitos da exploração foram modificando-se: alguns perderam poder e outros se reforçaram, mas seu número diminuiu."

nutrido os movimentos de independência num passado remoto, ter-se-ia esvaído com a conquista da independência política formal e o início da colaboração das burguesias internas com o capital estrangeiro. Vendo na cooperação com aquele capital uma grande e talvez a principal fonte de benefícios materiais, a burguesia interna, no controle do Estado e numa primeira instância, portanto, do poder político, não veria motivos convincentes para se preocupar com a soberania nacional efetiva (Mariátegui, 1974: 87). O capital internacional teria, segundo Mariátegui, um eficaz trunfo ideológico diante das burguesias nacionais. Ao não ocupar territórios com soldados, mas com poder econômico, manteria nas burguesias locais a ilusão da soberania nacional e do controle do próprio país. Ao submeter seus investimentos financeiros e produtivos ao teatro da autorização dos fantoches regionais, o capital imperialista não apenas os manteria orgulhosos de sua imagem de autonomia política como também os conquistaria como os mais convictos parceiros e sócios, cujos ganhos materiais como tais mais do que justificariam sua subserviência (Mariátegui, 1972: 85).

Apesar de referir-se concretamente ao Peru, o autor constrói aqui um modelo analítico que considera válido para pensar as possibilidades de revolução no conjunto dos países latino-americanos, que possuem, no período pós-independência, condições análogas de desenvolvimento capitalista no que diz respeito à penetração do capital externo, principalmente de Estados Unidos e Inglaterra, e à convivência econômica das diversas frações das burguesias nacionais com aquele capital.

Embora em vários momentos de sua obra Mariátegui acrescente a oposição racial no contexto da luta de classes dos países americanos de grande população indígena, quando trata da questão do imperialismo esta oposição não parece central. O autor toma como exemplo a China, em que poder-se-ia supor todos da mesma “raça” e das mesmas “tradições milenares”, onde a traição da burguesia aos trabalhadores, quando da ruptura do Kuomintang, não seria diferente da incompatibilidade entre burguesia crioula e trabalhadores indígenas no Peru:

Uma razão capitalista, e não razões de justiça social e doutrinária, demonstrou quão pouco se podia confiar, mesmo em países como a China, no sentimento nacionalista revolucionário da burguesia (Mariátegui, 1974: 89).

Uma razão capitalista portanto, suficiente para deitar ao solo qualquer esperança na ilusão nacionalista. Ao tratar do tema, o marxista peruano trava uma polêmica, na

verdade, contra a APRA (Aliança Popular Revolucionária Americana), comandada então por Haya de La Torre desde o México (meados de 1929). Mariátegui considera um erro tático a decisão de transformar a APRA de frente ampla das classes populares em partido político disposto a agregar as frações nacionalistas da burguesia peruana, posicionamento assumido pela organização já em meados de 1928 e que levaria Mariátegui a romper com Haya de La Torre. A julgar pela imediata história posterior da APRA, não se tratava de uma decisão tática, como julgara Mariátegui, e sim de uma nova postura estratégica: a organização, sob o comando de Haya, assumia em definitivo seu perfil reformista e populista.

O que se põe em jogo nesta discussão é o seguinte problema: pode a luta antiimperialista ser bem sucedida, ou se desenrolar com honestidade de propósitos, permanecendo desvinculada da luta anticapitalista de ruptura revolucionária? A resposta do marxista peruano é um bem fundamentado “não”. O antiimperialismo, tomado como bandeira central de luta e elevado a categoria programática em si, tenderia a compor um quadro de falaciosa harmonia entre as classes nacionais. De importante momento da luta revolucionária mais ampla tornar-se-ia o único momento, de uma das frentes da artilharia socialista transformar-se-ia na cortina de fumaça a obnubilar a pontaria daqueles canhões. Em suma, o antiimperialismo elevado a programa de união nacional mascararia as graves contradições internas entre as classes sociais e postergaria a um tempo indefinido o que deveria ser a resolução urgente e revolucionária de tais contradições:

O antiimperialismo, para nós, não constitui nem pode constituir, por si só, um programa político, um movimento de massas apto à conquista do poder. O antiimperialismo, admitindo-se que pudesse mobilizar, ao lado das massas trabalhadoras e camponesas, a burguesia e pequena burguesia nacionalistas (já negamos terminantemente essa possibilidade), não anula o antagonismo entre as classes, não suprime sua diferença de interesses (Mariátegui, 1974: 90).

Considera Mariátegui que a tomada do Estado por um movimento antiimperialista reformista e populista, como sustenta ser o APRA, jamais representaria a chegada dos trabalhadores ao poder. Observa que o crescimento econômico peruano baseado nos investimentos estrangeiros conquista a grande burguesia nacional pelos ganhos que a ela propicia (Mariátegui, 1974: 91). Mesmo a pequena burguesia se acreditaria

beneficiada pelas migalhas que lhe sobram, na figura dos comerciantes e pequenos produtores, por exemplo. Sustenta o autor peruano que justamente este setor, uma vez consolidado no poder, justificado ideologicamente por meio de suas próprias palavras de ordem, poder-se-ia tornar um dos mais tenazes inimigos da revolução socialista.

Explicando os motivos do caráter inevitavelmente conservador da pequena burguesia peruana, o autor analisa as relações entre as classes no país e com o capital estrangeiro. Salienta que a pequena burguesia poderia alcançar uma relação tão estreita com o capital externo quanto a grande burguesia proprietária, ou mais ainda, poder-se-ia tornar a classe mais interessante para os propósitos daquele capital se se tornasse mais ameno o discurso nacionalista que marcaria uma parte daquela pequena burguesia. Nas suas palavras:

O capital financeiro se sentirá mais seguro se o poder estiver nas mãos de uma classe social mais numerosa que, satisfazendo certas reivindicações urgentes e dificultando a orientação classista das massas, esteja em melhores condições que a velha e odiada classe feudal de defender os interesses do capitalismo, de ser seu guardião e seu lacaios. A criação da pequena propriedade, a expropriação dos latifúndios, a liquidação dos privilégios feudais não são contrários aos interesses do imperialismo de um modo imediato (Mariátegui, 1974: 92)

Ou seja, o capital imperialista requeria, no Peru, uma mudança nas relações de propriedade que as tornassem suficientemente mais burguesas e menos aristocráticas, mais “progressistas” do ponto de vista do capitalismo dos países centrais, nos termos de uma “revolução passiva” no sentido gramsciano.

Tal posicionamento de Mariátegui no que respeita à questão das relações de classe no Peru se fundamenta em seu estudo da constituição do capitalismo no país, desde a colônia até os dias em que ele escreve, apresentado na obra “7 Ensayos de Interpretacion de la Realidad Peruana” (Mariátegui, 1979). Logo no primeiro capítulo encontra-se uma detalhada caracterização do desenvolvimento capitalista do Peru independente: da reciprocidade dos interesses entre o capital internacional, à época notadamente o inglês, e a população “criolla” incitadora e ideóloga da independência; de como a exploração dos recursos minerais dos territórios ao sul do país contribuiu para o surgimento de uma burguesia peruana, em contraposição ao caráter aristo-

crático e feudal que o latifúndio possuía até então.²

Com a derrota na Guerra do Salitre (ou Guerra do Pacífico)³, o Peru perde os principais territórios produtores de guano e salitre para o Chile. O país se vê endividado e financeiramente dependente de bancos ingleses. A reconstrução econômica peruana ocorre sob essas circunstâncias. Surge a indústria moderna e estabelecem-se fábricas, usinas, sistemas de transporte, modificações econômicas que se desenvolvem sobretudo na região costeira. Surge, ao mesmo tempo, um proletariado industrial crescente e, de acordo com Mariátegui, com tendência a adotar um ideário classista (Mariátegui, 1979: 13). Ocorre também o surgimento de bancos nacionais que financiam diversas empresas industriais e comerciais, que possuem, no entanto, uma estreita margem de atuação, pois estavam subordinados aos interesses do capital externo e da grande propriedade agrária (Mariátegui, 1979: 13).

De fato, segundo observa o autor, ocorrerá o desenvolvimento de uma classe capitalista na qual já não prevalece, como antes, a antiga aristocracia. A propriedade agrária da costa conserva sua potência, mas depurada de suas antigas características feudais. Robustece-se assim a fortuna privada nacional e se consolida a hegemonia do capitalismo costeiro sobre o conjunto da economia peruana (Mariátegui, 1979: 14). Quanto ao mecanismo pelo qual tais latifúndios costeiros conectam-se ao capital externo, o marxista peruano é preciso:

Mas os cultivos, os engenhos e as exportações de que se orgulham os latifundiários estão muito longe de se constituir em obra própria. A produção de algodão e açúcar prosperou ao impulso de créditos obtidos com esse objetivo, sobre a base de terras

2 Em meados do século XIX o descobrimento do guano e do salitre (matérias primas para a produção de fertilizantes, pólvora e outros derivados nitrogenados) ao sul do território dá um impulso à evolução econômica do Peru. "O guano começa a ser explorado no Peru nos anos 40 do século XIX e na década de 50 já é um grande negócio. O auge guaneiro dura até a década de 70, quando a indústria entra em decadência. Nesta mesma década o salitre adquire importância e o governo peruano, falido em 1875, vê neste mineral a possibilidade de sua recuperação econômica" (Mariátegui, 1979: 235. Nota do editor).

3 Para que o novo negócio fosse lucrativo, seria necessário controlar os preços do salitre boliviano, mas tal intento entra em conflito com os interesses da indústria britânico-chilena que opera na Bolívia. Tal situação leva à Guerra do Pacífico, conhecida também como Guerra do Salitre (1879-1883), na qual Peru e Bolívia se opõem ao Chile. Este sai vitorioso e conquista territórios dos dois adversários. A Bolívia perde sua costa e o Peru suas reservas de salitre com as províncias de Tacna, Arica e Tarapacá (Mariátegui, 1979: 235).

apropriadas e mão-de-obra barata. A organização financeira desses cultivos, cujo desenvolvimento e cuja utilidade estão regidos pelo mercado mundial, não é resultado da previsão nem da colaboração dos latifundiários. A grande propriedade não fez senão adaptar-se ao impulso que veio de fora. O capital estrangeiro, em sua perene busca de terras, braços e mercados, financiou e dirigiu o trabalho dos proprietários, emprestando-lhes dinheiro em troca da garantia de seus produtos e de suas terras. Já muitas propriedades carregadas de hipotecas começam a passar para a administração direta das firmas exportadoras (Mariátegui, 1979: 18).

A configuração econômico-social tal como analisada por Mariátegui leva-o a concluir pela existência de três formas de organização produtiva que se sobrepõem no Peru de então. Além do capitalismo agrário e atrasado da região costeira, ainda haveria os resquícios do feudalismo colonial na região serrana, baseado na grande propriedade que se utilizaria da mão-de-obra servil camponesa e cujos mandatários seriam componentes da antiga aristocracia criolla. Por fim, nos entornos dessa economia feudal, subsistiriam resíduos vivos da economia comunista indígena (Mariátegui, 1979:15).

Diante do quadro acima, torna-se mais claro por que não caberia à pequena burguesia costeira nenhum papel revolucionário. Considerando-se a tensão potencial entre aristocracia serrana e latifundiários capitalistas costeiros, a insatisfação camponesa pela exploração de sua mão-de-obra em um e outro casos, a constituição de um proletariado industrial com tendência a empreender lutas classistas, que papel caberia à pequena burguesia senão o de lançar suas palavras de ordem distributivistas e igualitaristas, senão defender a multiplicação da pequena e média propriedades (financiadas, provavelmente, com capital inglês ou norte-americano), senão transformar-se no fluido viscoso a diminuir o atrito entre as engrenagens do sistema de exploração imperialista e empunhar a defesa das reformas necessárias ao deslançamento de uma espécie de revolução passiva no Peru? A tal conclusão nos leva o raciocínio de Mariátegui.

LÊNIN, KAUTSKY E MARIÁTEGUI

Como vimos, Mariátegui não analisa o desenvolvimento do capitalismo peruano como um fenômeno específico contido nos limites do território de seu país, mas associa tal desenvolvimento ao desenrolar de uma nova fase do capitalismo mundial, qual seja a fase imperialista. Dessa forma, assevera igualmente que o proletariado

peruano também é parte do contexto mundial de crise do capitalismo. E não poderia ser diferente, já que, como enfatiza nosso autor, o desenvolvimento capitalista tornaria unificados os interesses, as idéias, os costumes e os regimes dos povos submetidos a esse sistema econômico. O Peru encontrar-se-ia, assim como todos os outros países americanos, inserido naquela crise (Mariátegui, 1973: 17).

O marxista peruano aponta o que considera serem as duas principais correntes de esquerda a atuar sobre este cenário econômico: os “reformistas” e os “revolucionários” (Mariátegui, 1973: 19). Nas suas palavras:

Tanto num quanto noutro grupo há diferentes matizes, mas os grupos são claramente apenas dois: o dos que querem realizar o socialismo colaborando politicamente com a burguesia e o dos que querem realizar o socialismo conquistando integralmente para o proletariado o poder político. E a existência desses dois grupos provém da existência de duas concepções diferentes, de duas concepções opostas, de duas concepções antitéticas do atual momento histórico (Mariátegui, 1973: 19).

E a concepção do próprio Mariátegui não é outra senão a de que se tratava então de um momento histórico revolucionário, de uma burguesia mundial incapaz de reconstruir a riqueza social destruída pela guerra (no caso, a Primeira Guerra Mundial, 1914-1918) e, por conseguinte, incapaz de solucionar problemas concernentes à manutenção da paz (Mariátegui, 1973: 20). Sustenta ainda que a guerra teria originado uma crise cuja solução deveria ser proletária, socialista, já iniciada com a Revolução Russa.

Tanto na afirmação da existência das correntes reformista e revolucionária quanto na defesa de uma solução proletária para as contradições engendradas pelo imperialismo Mariátegui, nitidamente, faz coro com as análises de Lênin presentes no clássico *Imperialismo, fase superior do capitalismo*. Ou antes, interpreta os escritos do marxista russo à luz da realidade latino-americana em geral e peruana em particular. Além disso, viria mais tarde a identificar na APRA o reformismo burguês que Lênin desvela em Kautsky quando critica o famoso artigo *Ultraimperialismo*, publicado pelo social-democrata alemão às vésperas da eclosão da Primeira Guerra Mundial. Fazemos a seguir alguns breves apontamentos sobre a teoria do ultraimperialismo defendida por Kautsky, para efeito de melhor contextualização do debate.

Poder-se-ia afirmar que o posicionamento de Kautsky conduz a uma estratégia

reformista disfarçada de tática revolucionária. O autor alemão destitui o imperialismo de sua condição de capitalismo levado às últimas conseqüências, como considera Lênin, para enxergá-lo como apenas uma de outras formas possíveis da relação entre os capitais internacionais. Uma forma que já estaria em vias de ser substituída por outra, constituída por uma aliança internacional de países imperialistas, a “cartelização” do capital internacional, ou a fase do “ultraimperialismo” (KAUTSKY, 1970: 46).

Ao negar o imperialismo e as lutas interimperialistas como desdobramentos necessários da competição capitalista internacional, Kautsky priva qualquer luta antiimperialista de seu valor potencialmente revolucionário e anti-capitalista, já que não se luta contra o fenômeno superior e necessário do desenvolvimento do capitalismo mundial, mas apenas contra uma de outras formas possíveis de sua manifestação internacional, entre as quais estaria o “ultraimperialismo”.

Embora Kautsky afirme que, contra o ultraimperialismo, “nós devemos lutar tão energicamente quanto fazemos contra o imperialismo” (Kautsky, 1970: 46), resulta de sua argumentação que golpear o imperialismo seria inútil de um ponto de vista estratégico. Como observa Lênin, Kautsky separaria, no fenômeno imperialista, a política da economia, e esta seria a manobra crucial do desvio burguês de sua análise:

O essencial é que Kautsky separa, no imperialismo, a política da economia, pretendendo que as anexações são a política “preferida” do capital financeiro e opondo a esta política uma outra política burguesa, pretensamente possível, baseada sempre no capital financeiro. (...) Daí resulta que a partilha territorial do mundo, concluída precisamente na época do capital financeiro, e que constitui a base das atuais e originais formas de rivalidades entre os maiores Estados capitalistas, é comparável com uma política não imperialista. Isto leva a ocultar, a tornar menos perceptíveis as contradições da atual fase do capitalismo em vez de lhes desvendar a profundidade. Em vez de marxismo chega-se assim ao reformismo burguês (Lênin, 1987: 91).

Concluirá Lênin que, separando a política da economia, a luta contra a política dos trustes e dos bancos não atinge suas bases econômicas e se reduz, portanto, a reformismo e pacifismo burgueses, a “piedosos e inofensivos desejos” (Lênin, 1987: 92).

O revolucionário russo atribui a existência da vertente reformista no seio do movimento operário à capacidade de corrupção adquirida pelo capital, devida aos enormes ganhos proporcionados pelo imperialismo. Tal corrupção atingiria os

estratos superiores do movimento operário e formaria uma aristocracia operária apartada da massa do proletariado, mas que se arrogaria sua direção. Nas palavras de Lênin:

(...) o imperialismo tende também a criar entre os operários categorias privilegiadas e a separá-las da grande massa do operariado. (...) cria a possibilidade econômica de corromper as camadas superiores do proletariado (Lênin, 1987: 103)

Mariátegui vê o reformismo de parcela do movimento operário como uma concepção equivocada do momento histórico de então. No mesmo reformismo, Lênin enxerga puros corrupção e oportunismo. Uma e/ou outra coisa, importante notar que, nos passos de Lênin, o marxista peruano aponta como tarefa urgente a conscientização da massa do proletariado peruano, fazer com que tal massa visualize com clareza essa cisão existente em meio às suas lideranças e compreenda o momento de crise revolucionária que vive, como parte que é do proletariado mundial. E a tal tarefa de conscientização se entregou Mariátegui por meio de, entre outras atividades, suas conferências sobre a crise mundial proferidas nas Universidades Populares Gonzalez Prada, principalmente nos anos de 1923 e 1924.⁴ Em uma dessas conferências, realizada à 15 de junho de 1923, ele não deixa dúvidas sobre seu ponto de vista:

Eu compartilho a opinião dos que acreditam que a humanidade vive um período revolucionário. E estou convencido do ocaso próximo de todas as teses social-democratas, de todas as teses reformistas, de todas as teses evolucionistas (Mariátegui, 1973: 22).

Marxista autêntico, Mariátegui não faz concessões a teses reformistas e, claramente inspirado em Lênin, as combate no contexto peruano da luta de classes mundial. Sua análise acerca do imperialismo na América Latina nos ajuda ainda hoje a compreen-

⁴ Escolas noturnas para trabalhadores montadas a partir de 1921 pela Federação Estudantil Peruana, sob a orientação do então líder estudantil Haya de La Torre. Sua organização fundamentava-se no princípio de que o proletariado deveria ser conscientizado social e politicamente através da ação docente de intelectuais. Mariátegui, convidado por Haya a colaborar nas UPGP, anos antes do rompimento entre os dois, aceitara a sugestão de ministrar cursos aos trabalhadores sobre os movimentos operários na Europa e no Peru, sobre as revoluções russa, alemã e mexicana e sobre aspectos da crise europeia do pós-guerra (Belloto et al., 1982).

der essa questão a partir de um ponto de vista revolucionário. Além do mais, deixa a indicação de que o conjunto de sua obra merece estudos mais aprofundados por parte do marxismo latino-americano de língua portuguesa.

BIBLIOGRAFIA

- BELLOTO, Manuel L.; CORREA, Anna M. M. “Introdução”. In: BELLOTO, Manuel L.; CORREA, Anna M. M. (orgs.). *Mariátegui*. São Paulo: Ática, 1982.
- KAUTSKY, Karl. “Ultra-imperialism”. In: *New Left Review*, London, no 59, p.41-46, 1970.
- LÊNIN, Vladimir. *Imperialismo, fase superior do capitalismo*. São Paulo: Global, 1987.
- MARIÁTEGUI, José C. *La escena contemporânea*. Lima: Amauta, 1972.
- MARIÁTEGUI, José C. *Historia de la crisis mundial*. Lima: Amauta, 1973.
- MARIÁTEGUI, José C. *Ideología y política*. Lima: Amauta, 1974.
- MARIÁTEGUI, José C. *7 Ensayos de interpretacion de la realidad peruana*. Caracas: Ayacucho, 1979.
- MIGLIOLI, Jorge. “Imperialismo, exploração, dominação”. In: GALVÃO, Andréia et al. (orgs.). *Marxismo e socialismo no século 21*. Campinas: Xamã, 2005.